

MOTIVAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA APROXIMAÇÃO DO O ALUNO AO ÂMBITO ESCOLAR

Motivation as a tool to approach the student to the school.

Gizelli de Jesus da Silva
Maria José de Jesus
Maria Dolores Moraes da Costa
Ricardo Daher Oliveira

Resumo: O presente estudo buscou discorrer sobre o tema motivação escolar, sobre fatores que interferem no interesse dos alunos em aprender. Os objetivos desta pesquisa foram identificar os principais fatores que estão relacionados à falta de motivação do aluno em alcançar o conhecimento e apontar o professor como importante agente motivador no ambiente escolar. Para a realização deste trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica, mediante a consulta a livros, artigos científicos e produções acadêmicas publicadas em meio tangível e também em conceituados sites da Internet. Como resultado obteve-se que a motivação é imprescindível para que o aluno construa em profundidade o seu conhecimento. Em conclusão: afirma-se que a escola necessita identificar e compreender os fatores que interferem na motivação do aluno em aprender, direcionando esforços no sentido de vencer as barreiras detectadas.

Palavras-chave: Motivação Escolar. Alunos. Aprendizagem.

Abstract: The present study deals with the theme school motivation, qualifications and relationships factors that interfere in the students' interest in learning. The objectives of this research were to identify the main factors that are related to the lack of student motivation to achieve the knowledge and point the teacher as an important motivator in the school environment. For this work we used the literature, by consulting the books, scientific papers and academic production published in tangible medium and also in highly regarded Internet sites. As a result was obtained that motivation is essential for the student to build depth in their knowledge. In conclusion, it is stated that the school needs to identify and understand the factors that affect student motivation to learn, directing efforts to overcome the identified barriers.

Keywords: Motivation at School. Students. Learning.

Gizelli de Jesus da Silva é Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción e Analista de Gestão de Desempenho na Vale S.A.

E-mail: gizzelli@gmail.com.

Maria José de Jesus e **Maria Dolores Moraes da Costa** são Doutorandas em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción.

Ricardo Daher Oliveira é Professor-Pesquisador, Doutor da Universidade CEUMA, Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a evasão e a reprovação escolar são agravantes educativos que, há tempos, têm merecido a atenção de educadores e de outros profissionais do ensino, bem como de órgãos relacionados à Educação que, mediante estudos e implantação de novas propostas pedagógicas, têm envidado esforços em identificar os fatores que interferem no sucesso escolar dos alunos, visando melhorar a atual situação do ensino nacional.

Um desses fatores é a motivação dos educandos em aprender. No âmbito escolar a motivação pode ser compreendida como uma das razões que impulsionam o aluno a estudar, perseverando nas práticas e nas atividades propostas até o fim. Dessa forma, a motivação influencia no modo como o aprendente utiliza suas potencialidades no ambiente escolar, o que se refletirá diretamente em sua aprendizagem e desempenho. Contudo, quando houver pouca motivação por parte do aluno todo o processo ensino-aprendizagem correrá riscos de ser malsucedido. Ir para a escola torna-se uma atividade desalentadora, e a permanência em sala de aula um monótono período em que as horas custam a passar. Como resultado, tem-se uma aprendizagem pouco fecunda, muito aquém dos resultados esperados.

Considerando a relevância do tema abordado por este trabalho, o presente artigo tem como problema de pesquisa: Quais são as principais causas da desmotivação do aluno em sua trajetória escolar? Tal questionamento há de requerer tanto, uma revisão bibliográfica quanto, a utilização de mecanismos de observação ou coleta de informações capazes de permitirem que, a temática investigada atinja o objetivo geral da pesquisa.

Justifica-se a elaboração deste estudo ante à constatação de que a motivação do aluno é um dos principais fatores para o êxito e a qualidade da aprendizagem. Acredita-se que a elaboração de estudos a respeito da motivação escolar auxiliará para que esse tema esteja sempre em pauta, o que poderá contribuir para se tentar reverter o quadro deficitário atualmente detectado, bem como identificar as causas da desmotivação escolar.

Busca-se neste estudo, identificar os principais fatores que estão relacionados à falta de motivação do aluno em aprender. E, para tanto, discorre sobre motivação escolar, a importância do professor quanto à motivação em sala de aula e as principais causas da desmotivação escolar por parte dos alunos; procura-se explicar e diferenciar motivação intrínseca de motivação extrínseca e aponta-se o professor como importante agente motivador no ambiente escolar.

A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem da realidade e o conjunto e técnicas que possibilitam a construção da realidade. Dessa forma, a teoria e metodologia caminham juntas. A questão metodológica é ampla e indica um processo de construção, um movimento que o pensamento humano realiza para compreender a realidade social (Daher; Maris, 2007, p. 6). Para a realização deste trabalho, utilizou-se de pesquisa bibliográfica buscando explicar uma situação por meio de teorias, mediante a consulta a livros, artigos científicos e produções acadêmicas publicadas em meio tangível e também em conceituados sites da Internet.

MOTIVAÇÃO ESCOLAR: ASPECTOS INTRÍNSECOS E EXTRÍNSECOS

Para que um objetivo possa ser alcançado é necessário que haja motivação para fazê-lo. Isto ocorre também no campo educacional, em que é necessário efetivo interesse dos alunos em aprender.

Quanto ao conceito de motivação, Fita (2003) o compreende como um conjunto de variáveis contextuais ou pessoais que ativam a conduta das pessoas e as orientam a determinado sentido no intuito de alcançar um objetivo definido. Para Pozo (2002), a motivação é considerada um requisito, uma condição prévia da aprendizagem, uma vez que sem motivação não há aprendizagem. E para Huertas (2001), a motivação é vista como um processo psicológico, proporcionado por meio de componentes afetivos e emocionais. Trata-se da energia psíquica do ser humano, mostrando-se diferente em cada indivíduo, pois as pessoas possuem diferentes expectativas e variadas formas de pensar.

Graham e Weiner (1996, apud Neves; Boruchovitch, 2004, p. 79) sintetizam o conceito de motivação escolar afirmando que ela é um constructo multidimensional caracterizado por teorias pessoais relativas à inteligência, atribuições de causalidade, orientações motivacionais intrínsecas e extrínsecas, bem como metas de realização e variáveis relativas ao autoconceito e à auto eficácia do aluno. As variáveis relacionadas ao sistema educacional, tais como os fatores contextuais ligados às crenças de autoeficácia do professor, ao clima e estrutura da sala de aula, à natureza da tarefa, ao caráter da avaliação, à cultura e às características da escola também caracterizam a motivação neste ambiente.

Carvalho Pereira e Ferreira (2007) ressaltam que a motivação escolar não acontece de forma espontânea, e para que ocorra torna-se necessário considerar a participação dos elementos envolvidos, como professores, alunos, família, estrutura e espaço físico. Além disso, Carvalho *et al.* (2007) frisam que, quando se pensa em motivação para a aprendizagem, deve-se considerar as características do ambiente escolar, tais como o número de alunos por sala, metodologias utilizadas pelo professor e organização do espaço, dentre outros. Geralmente, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente educacional estão relacionadas a processos cognitivos, tais como capacidade de atenção, concentração, resolução de problemas e processamento de informações. Devido a essas características, Bzuneck (2001) acredita que é inapropriada a aplicação de conceitos gerais sobre motivação humana no ambiente escolar sem que haja a consideração das singularidades deste ambiente.

Uma das formas pelas quais se procura compreender a motivação é pela abordagem cognitivista. A esse respeito, Neves (2007) destaca que, desde o seu nascimento, o ser humano manifesta empenho em conhecer e tem curiosidade e vontade de aprender, sendo esta uma motivação natural, constituindo-se em fator indispensável para o pleno desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do indivíduo. O autor afirma que a abordagem cognitivista da motivação demonstra a existência de, pelo menos, duas orientações motivacionais que não se excluem completamente e sim se complementam: trata-se da motivação intrínseca e da motivação extrínseca à pessoa.

Neves e Boruchovitch (2004) esclarecem que a motivação intrínseca configura-se como uma tendência natural quanto à busca por novidades e desafios. O indivíduo realiza determinada atividade por seu próprio interesse, por considerá-la interessante, atraente ou geradora de satisfação. Trata-se de uma orientação motivacional que tem por característica a autonomia do aluno e a auto regulação de sua aprendizagem. Textualmente, os autores afirmam que “A motivação intrínseca é o fenômeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana [...], a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social” (Neves; Boruchovitch, 2004, p. 143).

Assim, conforme Guimarães (2001), um aluno que apresenta predominância da motivação intrínseca geralmente é curioso, interessado, concentrado, atencioso e persistente no desempenho das atividades que protagoniza, sendo que um traço marcante e peculiar destes indivíduos é a propensão a desenvolver tarefas desafiadoras.

Huertas (2001) complementa esta consideração em torno da motivação intrínseca informando que, quando uma ação se encontra regulada subjetivamente, esta se fundamenta principalmente em três características: autodeterminação, competência e satisfação em fazer algo próprio e familiar. Desta forma, a própria matéria de estudo desperta no aprendente uma atração que o impulsiona a se aprofundar nela e a vencer as barreiras que possam ir se apresentando ao longo do processo de aprendizagem. Por sua vez, a motivação extrínseca é aquela que trabalha “[...] em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades” (GUIMARÃES, 2001, p. 46).

De acordo com Guimarães (2001), em se tratando da motivação extrínseca, o educando tem como principal objetivo a aprovação familiar e social e, por isso, se empenha em demonstrar suas habilidades e potencialidades. Assim, esse tipo de motivação relaciona-se às rotinas que se aprendem ao longo da vida, ao desejo de desenvolver uma ação por causa de recompensas externas ou para evitar punições.

Biadola (2002) esclarece que, não raro, buscando a solução de problemas relacionados à desmotivação apresentada pelos alunos, os professores se valem de recompensas externas com o objetivo de atraí-los ao desempenho das tarefas solicitadas. Conforme Guimarães (2001), as recompensas externas podem ser explicadas por sua natureza concreta, sendo essas facilmente reconhecidas e serem familiares a alunos e professores (notas, certificados, elogios, etc).

Guimarães (2001) observa que a distribuição de recompensas em sala de aula como forma de motivar extrinsecamente o aluno quanto ao seu aprendizado possui pontos negativos e positivos. Dentre os aspectos negativos está o fato de que as recompensas não são vistas da mesma maneira por todos os educandos. Por exemplo, tem-se que, a atribuição de um valor para uma determinada avaliação poderá ser valorizada por uns, mas vista como insuficiente por parte de outros. Por sua vez, como característica positiva o autor assinala que as recompensas mostram-se válidas quando sinalizam os efetivos progressos em uma atividade de aprendizagem. Assim, o ato de elogiar um aluno por ter aprendido uma nova habilidade ou por ter adquirido um novo conhecimento fortalecerá seus sentimentos de eficácia e autodeterminação, fazendo com que se mantenha o interesse pelo aprendizado mesmo quando a con-

tingência representada pela recompensa tenha sido retirada. Conforme Guimarães e Boruchovitch (2004), a motivação no contexto escolar tem sido vista como um fator avaliativo do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho dos alunos.

Textualmente os autores destacam que

Um aprendente motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 143).

Em vista do exposto, verifica-se que a motivação é de todo necessária à medida que exacerbam a competição, a exemplo de escolas militares, dos seminários religiosos, dentre outros, para que os alunos construam o seu conhecimento. Assim, fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos necessitam ser devidamente identificados e trabalhados, o que favorece sobremaneira para que o processo ensino-aprendizagem transcorra da forma mais positiva possível.

O Professor como Agente Motivador

O professor pode ser considerado uma ponte entre o aluno e o saber. Contudo, para atravessar essa ponte o educando deverá estar motivado a fazê-lo. Por isso, o papel do educador necessita ser desempenhado de tal forma a atrair e encantar o aluno, fazendo com que o mesmo sinta satisfação e interesse em aprender.

No âmbito da sala de aula, o papel do professor é de grande relevância no comportamento e envolvimento dos alunos. Lima (2000) enfatiza que o docente tem a tarefa de proporcionar situações favoráveis para que o educando aprenda. Quanto a esse aspecto evidencia-se que “[...] a própria pessoa do professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima. O tipo de relação que estabelecemos com os alunos pode gerar uma confiança e um aumento da atenção que são condições indispensáveis para a aprendizagem” (Fita, 2003, p. 92).

De acordo com Neves e Boruchovitch (2004), a motivação intrínseca do aluno não é puramente resultante de treino ou de instrução, mas pode ser fortemente influenciada pelas ações do professor. Embora as crenças, conhecimentos, hábitos e expectativas que os aprendentes trazem para a escola são importantes quanto à aprendizagem e motivação, a sala de aula revela-se a maior fonte de influência para o seu nível de envolvimento.

Dentre os fatores favorecedores da motivação proporcionados pela postura e o modo de ensinar do professor destacam-se: estilo de ensinar democrático; o estabelecimento de parcerias entre professor e alunos; liberdade dos alunos em expressar suas opiniões e compartilhar experiências; incentivo do professor durante as atividades; entusiasmo, interesse e dedicação do educador; trabalho cooperativo baseado na interação com os alunos; conteúdos com assuntos da vida real; variação nos textos selecionados (artigos, propagandas) e nos tipos de atividades desenvolvidas (vídeos, leituras, produções textuais, discussões); e, dentre outros, emprego de atividades diferentes, ou seja, não comumente trabalhadas no contexto da escola.

Neves e Boruchovitch (2004) evidenciam que o estilo do professor, bem como as estratégias e práticas pedagógicas que adota, influenciam diretamente na motivação do aluno em aprender. Os educadores podem ter personalidades controladoras, ou seja: personalidades autoritárias, ou personalidades que tendem a respeitar mais o outro em suas interações. O estilo do segundo grupo, conforme os autores, favorece à motivação escolar, a avaliação dita classificatória proveniente da pedagogia jesuítica (chamada, ausência de consulta, delimitação de tempo, etc.) perdurando até hoje. Vive-se atualmente a meta-avaliação (também a avaliação dos avaliadores) pois suas práticas e habilidades tomam a perspectiva do aluno, reconhecendo seus sentimentos, usando uma linguagem apropriada, oferecendo importantes informações para tomada de decisão, entre outras.

Conforme Neves e Boruchovitch (2004), o estilo motivacional do professor é considerado, portanto, uma característica vinculada à personalidade, mas é vulnerável a fatores sócio contextuais como o tempo de experiência no magistério, a idade, o gênero, as interações com a direção da escola, as concepções ideológicas, etc. Além disso, a interação dos professores com seus aprendentes extrapola suas características pessoais por englobar a sua percepção quanto ao envolvimento dos estudantes, das pressões sofridas no decorrer do ano letivo que são provenientes das relações com a comunidade, pais e diretores e, inclusive, o tipo de avaliação utilizada pelo estabelecimento de ensino. Em relação aos estilos motivacionais do professor, é observado que

Os professores facilitadores da autonomia de seus alunos nutrem suas necessidades psicológicas básicas de autodeterminação, de competência e de segurança. Para que isso ocorra, eles oferecem oportunidade de escolhas e de *feedback* significativos, reconhecem e apoiam os interesses dos alunos, fortalecem sua auto regulação autônoma e buscam alternativas para levá-los a valorizar a educação, em suma, tornam o ambiente de sala de aula principalmente informativo. Apoiar a autonomia dos alunos significa, nessa perspectiva, incentivá-los a fazer escolhas, a participar das tomadas de decisão sobre sua educação e levá-los a se identificar com as metas de aprendizagem estabelecidas em sala de aula. [...] Em contrapartida, os professores que confiam em um estilo relativamente controlador estabelecem para seus alunos formas específicas de comportamentos, sentimentos ou de pensamentos, oferecendo incentivos extrínsecos e consequências para aqueles que se aproximam do padrão esperado. (Neves; Boruchovitch, 2004, p. 147-148).

Biadola (2002) chama a atenção para o fato que nem toda interação entre professor e aluno revela-se adequada para o aprender escolar, sendo necessário identificar as interações que efetivamente favoreçam à construção e à utilização de técnicas metodológicas para que o conhecimento seja apropriado tanto pelos educandos quanto pelos educadores. Assim, a interação professor-aluno terá que ocorrer no âmbito da realidade do aluno, situando-se como uma ação que vai além de perguntas e respostas, construindo um efetivo diálogo.

Bzuneck (2001) afirma que o docente necessita desenvolver e manter a motivação dos alunos como um todo, orientando-os para um significativo aprender. Assim, o papel do professor é o de, segundo Poletti (2002), manter o aluno curioso. Contudo, cumpre considerar-se que o que pode ser interessante para uns, pode não ser para outros, tendo em vista que os educandos possuem metas e expectativas diferentes. Assim, os mesmos estímulos e estratégias quando aplicados a diferentes pes-

soas, ainda que em situações praticamente idênticas, levam a diferentes resultados. Dessa forma:

O professor tem que desenvolver técnicas de motivações variadas de um aluno para o outro, pois cada aluno tem personalidade diferente, então a motivação de uma classe não pode ser homogênea, ou seja, um método é adequado para um determinado grupo, mas não serve para outro (Biadola, 2002, p. 29).

De acordo com Lima (2000), para um aluno motivar-se a aprender algo é preciso que o educador organize o ambiente da sala de aula de tal forma a despertar o desejo, a necessidade e a vontade do educando em alcançar o seu conhecimento, atuando como agente ativo e influenciador, valendo-se de inovadoras e dinâmicas metodologias educacionais.

Carvalho *et al.* (2007) observam que, quando o educador não é provido de condições favoráveis de trabalho, sua prática comprometerá o processo ensino-aprendizagem dos alunos. Vai-se ao encontro desta afirmação ao expor-se que “[...] se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los” (Tapia; Fita, 2003, p. 88).

De acordo com Dörnyei (2001, apud Ribas, 2009, p. 340), a intervenção motivacional mais adequada é simplesmente melhorar o ensino ofertado aos alunos. Assim, dentre as práticas que favorecem o aumento da motivação do educando em aprender estão a dedicação e preocupação do professor, onde considera-se, contudo, o docente que leciona em várias instituições, ensina 2 ou 3 matérias e necessita utilizar o transporte coletivo, o momento de preparar suas atividades de sala de aula, bem como a disponibilização de auxílio no processo de aprendizagem.

Entende-se que as aulas, para de fato propiciarem a construção do conhecimento por parte do aluno, necessitam transcorrer de forma atraente. E, nesse aspecto, a figura do professor é essencial: em seus ombros está a tarefa de criar um clima motivador em sala de aula, despertando no aluno o interesse de estar ali e aprender.

FATORES DE (DES)MOTIVAÇÃO ESCOLAR

Por vezes, o processo ensino-aprendizagem não transcorre de acordo com o esperado. A apatia, o desinteresse e a desmotivação tomam conta do aluno, fazendo com que a sala de aula se transforme em um ambiente sem vida, impregnado de marasmo.

Bzuneck (2001) afirma que, desde a década de 1990, a motivação tornou-se uma preocupação central da educação à medida que houve a conscientização de que a desmotivação repercute diretamente na queda da qualidade do ensino. A partir daí a questão motivacional na esfera escolar foi contínua e progressivamente estudada sob diversas abordagens no intuito de encontrar formas de fazer surgir uma maior motivação entre os aprendentes.

Martini (1999) corrobora com essa afirmação expondo que a problemática da falta de motivação escolar tem sido o cerne das discussões no que se refere ao que

vai mal nos estabelecimentos educacionais brasileiros. Um exemplo disto são as frequentes queixas de pais a respeito do baixo valor atribuído pelos seus filhos à escola, bem como dos professores, em se tratando da falta de interesse dos alunos quanto às atividades acadêmicas desenvolvidas no ambiente escolar. Verifica-se que

[...] alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora (Bzuneck, 2001, p. 13).

Como exposto por Guimarães (2001), a maioria das discussões quanto à questão da motivação na educação tem como objetivo encontrar formas de envolver os estudantes em tarefas de aprendizagem na busca de respostas para saber quais as melhores maneiras de melhorar a qualidade de ensino neste País.

Fita (2003) evidencia que são vários os motivos que ensejam os educandos a variarem em intensidade quanto ao desejo de aprender. Tendo em vista a diversidade de motivos os alunos atribuem seus êxitos ou fracassos a diferentes causas, que podem ser intrínsecas ou extrínsecas a eles, relacionadas a algo permanente ou mutável e, ainda, controláveis ou incontroláveis, quando é possível ou não interferir nesses fatores.

Bzuneck (2001) aponta o aluno como figura de grande importância no processo de motivação escolar, uma vez que é portador desta e o maior interessado em desenvolver seus conhecimentos. No entanto, a motivação não depende só do educando, mas também do contexto no qual está inserido, onde se enfatiza a escola pública principalmente com atividades noturnas, as mesmas estão expostas a uma realidade dolorosa: evasão, repetência, absenteísmo docente, etc, uma vez que situações ambientais influenciam significativamente no processo da motivação do aprendente. O autor sustenta que é possível perceber que um aluno está motivado para aprender verificando o seu envolvimento nas atividades em sala de aula, visto que escolhe determinada ação entre outras tantas para dedicar-se.

Para Bzuneck (2001), é necessário que o aluno se perceba na construção de um novo conhecimento, isto é, deve orientar-se conscientemente para a meta de aprender, desenvolvendo a motivação para o domínio dos conteúdos e o crescimento intelectual, e não apenas tendo por objetivo passar de ano. Assim, o aprendente necessita conhecer o propósito de uma tarefa para poder compreendê-la, caso contrário irá simplesmente deter-se no enfoque superficial, somente no cumprimento dos requisitos que a tarefa exige sem a necessidade de reflexão para a compreensão do conteúdo, pois

[...] até pouco tempo, a grande questão escolar era somente a aprendizagem de conteúdos, acreditávamos que conhecer era acumular conhecimentos. Atualmente, a questão está centrada em interpretar e selecionar informações na busca de soluções de problemas ou daquilo que temos vontade de aprender. O desafio para o educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem (RAASCH, 2015, p. 2).

De acordo com Tapia (2003), os alunos demonstram-se motivados ou não de acordo com o significado do trabalho que têm de realizar. Este significado é percebido no contexto educacional e poderá variar à medida que a atividade transcorrem.

Assim, a aceitação da atividade escolar é facilitada ou dificultada dependendo da maneira como os professores a apresentam. Desta forma, uma vez que é no ambiente da sala de aula que o professor opta pelos meios que deve utilizar para despertar a motivação dos alunos, esta motivação “resulta de um conjunto de medidas educacionais, que são certas estratégias de ensino ou eventos sobre os quais todo o professor tem amplo poder de decisão” (Bzuneck, 2001, p. 27).

Para Guimarães (2001), a sala de aula é um espaço de socialização cultural que envolve desenvolvimento cognitivo e afetividade. Então, cumpre o autor organizar e propiciar um clima encorajador para os alunos, capaz de contemplar as suas necessidades internas e perspectivas pessoais. Carvalho *et al.* (2007) apontam a sala de aula como um espaço onde fatores poderão interferir negativamente na motivação do aluno em aprender. Dentre esses fatores estão o excesso de atividades geralmente monótonas, propostas pedagógicas pouco desafiadoras para os aprendentes, grande quantidade de educandos por sala, ausência de decoração e materiais pedagógicos e, dentre outros, avaliações obrigatórias.

Raasch (2015) lembra que a ausência ou insuficiente e/ou equivocada utilização de recursos tecnológicos é um exemplo do quanto ainda a educação brasileira precisa caminhar para estar em condições de atrair o aluno, despertando nele o desejo pela aprendizagem. O autor observa que a desvinculação dos conteúdos com o cotidiano do aprendente, como algo externo e sem serventia alguma, acrescido da má formação do professor, têm dificultado ainda mais para a motivação por parte do educando.

De acordo com Lima (2000), muitos educadores, por um vasto leque de razões, limitam-se a elaborar aulas monótonas e maçantes, o que não favorece em nada ao interesse dos alunos em aprender. Nas palavras do autor:

[...] a falta de uma boa administração do tempo, planejamentos deficientes, a sobrecarga de trabalho, a falta de envolvimento com os alunos, entre outras variáveis a que estão sujeitos, conduzem à apresentação de respostas de manutenção da situação atual, a falta de iniciativa, de interesse pela mudança e não engajamento efetivo em qualquer inovação (Lima, 2000, p. 41).

Fita (2003) ressalta que, para o professor compreender o que motiva os alunos, torna-se necessário que o aquele estude e compreenda o contexto da aprendizagem e da individualidade destes. Assim, esse profissional terá a possibilidade de selecionar os conteúdos que despertem o interesse dos educandos, aqueles para os quais eles se sintam mais motivados a aprender, pois

é essencial que o professor conheça os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre motivação, pois só sabe motivar para aprendizagem quem conhece como os alunos aprendem. A formação do professor e a sua visão social são determinantes, aliado às suas atitudes em sala de aula e à organização do ensino (Raasch, 2015, p. 10).

Bzuneck (2001) destaca que nem todos os aspectos do âmbito escolar são causadores de desmotivação por parte do aluno, uma vez que o empenho deste também é baseado em áreas de seu interesse. Desta forma, um educando não necessariamente é desmotivado para tudo no ambiente escolar, mas sim para alguma ou algumas áreas.

Raasch (2015) expõe que a aprendizagem resulta da conjunção de uma série de fatores que envolvem o aluno e o seu ambiente escolar, familiar e social. Pesquisas

apontam o nível cultural dos pais como um dos elementos responsáveis pelo interesse dos filhos nos estudos. Um acompanhamento próximo da vida escolar do aluno pode ajudar em muito na identificação precoce da ausência de motivação para a aprendizagem e indicar atitudes capazes de superar as barreiras motivacionais que se interpõem entre o aluno e o conhecimento.

Verifica-se que os fatores que ensejam a desmotivação do aluno necessitam ser identificados com a maior clareza possível. Com isso, estratégias visando reverter esse quadro podem ser implantadas no início do processo, o que traz maiores chances de êxito, contribuindo para o sucesso escolar dos aprendentes.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho optou-se pela pesquisa bibliográfica. Conforme Silva (2003), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aqueles que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados largamente dispersos pelo espaço.

Desenvolveu-se a referida pesquisa no período de 20 de outubro a 05 de novembro de 2015 mediante a consulta a livros, artigos eletrônicos, trabalhos acadêmicos publicados em meios tangíveis e na internet. Após a leitura e seleção do material capaz de trazer relevantes informações para a concretização deste estudo procedeu-se análise qualitativa, sendo os resultados apresentados em forma discursiva.

Conforme Silva (2001), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, sendo que o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente, uma vez que o processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, para que haja a aprendizagem, construção em que o aluno irá incorporar novas informações à sua bagagem cognitiva, é indispensável a presença de fatores motivacionais. Por isso, a importância de compreender em profundidade as razões emocionais que levam o aluno a querer aprender, bem como os elementos que limitam esta motivação, interferindo no processo ensino-aprendizagem protagonizado pelo aprendente.

Entende-se que a alegação da falta de interesse do educando como justificativa para o seu mau desempenho escolar precisa ser de todo descartada, uma vez que pensar deste modo implica na própria renúncia da escola a uma de suas mais essenciais funções, que é ensinar ao aluno a construção de seu conhecimento. A visão de-

turpada sobre isso, geralmente, provém da errônea concepção de aula como produto findo e acabado, isto é, se o professor ministrou uma boa aula a escola cumpriu com sua missão. Essa primária forma de pensar esquece de que a aula somente se completa quando é alcançado o seu objetivo final, que é o aprendizado do aluno.

Dessa forma, para motivar os educandos, torna-se imprescindível repensar o processo ensino-aprendizagem em profundidade, identificando e analisando todos os agentes capazes de motivar ou desmotivar o aluno para, então, desenvolver estratégias de ensino capazes de superar e vencer os obstáculos encontrados. E neste aspecto destaca-se o professor, que necessita continuamente refletir sobre suas práticas, buscando sempre o modo mais atraente e motivador do aluno aproximar-se do conhecimento.

Findo este estudo, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados, pois foi possível identificar os principais fatores que estão relacionados à falta de motivação do aluno em aprender; discorrer sobre motivação escolar, causas da desmotivação escolar por parte dos alunos e a importância do professor quanto à motivação em sala de aula; compreender e diferenciar motivação intrínseca de motivação extrínseca; e apontar o educador como importante agente motivador no ambiente escolar. Por fim, sugere-se como novo estudo a ser realizado abordar a motivação escolar em áreas específicas do conhecimento humano, como por exemplo, Português e Matemática.

REFERÊNCIAS

- BIADOLA, V. (2002). **Motivação para aprendizagem dos alunos do ensino médio de uma escola: estudo de caso**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- BZUNECK, J. A. (2001). **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. In: Bzuneck, J. A.; Boruchovitch, E. (Orgs.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes. p. 9-31.
- CARVALHO, M. F. N. de; PEREIRA, V. C.; FERREIRA, S. P. A. (2007). **A (des) motivação da aprendizagem de alunos de escola pública do Ensino Fundamental: quais os fatores envolvidos?** Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/a%20desmotivao%20da%20aprendizagem%20de%20alunos%20de%20escola.pdf>. Acesso em: 18 out. 2015
- DAHER, R. O.; MARIS, P. S. **Metodologia científica: orientações metodológicas**. Vila Velha: Delta, 2007.
- FITA, E. C. (2003). **O professor e a motivação dos alunos**. In: TAPIA, J. A. & _____. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 65-135.
- GUIMARÃES, S. E. R. (2001). **Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula**. In: Boruchovitch, E.; Bzuneck, A. (Orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes. p. 37-57.
- GUIMARÃES, S. E. R.; BORUCHOVITCH, E. (2004). **O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(2), 1-150. Disponível em: de <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n2/22466.pdf>>. Acesso em 15 out. 2015.

- HUERTAS, J. A. **Motivación: querer aprender**. Buenos Aires: Aique, 2001.
- LIMA, L. M. S. **Motivação em sala de aula: a mola propulsora da aprendizagem**. In: Sisto, F. F; Oliveira, G. C; Fini, L. D. T. (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 148-161.
- MARTINI, M. L. **Atribuições de causalidade, crenças gerais e orientações motivacionais de crianças brasileiras**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 1999.
- NEVES, E. R. C.. Escala de avaliação da motivação para aprender para alunos do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 2007, 20(3), 406-413.
- NEVES, E. R. C.; BORUCHOVITCH, E. A motivação de alunos no contexto da progressão continuada. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2004, 20(1), 77-85. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n1/a10v20n1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- POLETTI, A. **O professor e a gestão do conhecimento**. Profissão Mestre, São Paulo, 2002. p. 22-23.
- POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RAASCH, L. **A motivação do aluno para a aprendizagem**. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.
- RIBAS, F. C. (2009). **Conscientização cultural: repercussões na motivação de alunos da escola pública**. RBLA, Belo Horizonte, 9(1), 329-347. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v9n1/16.pdf>> Acesso em: 15 out. 2015.
- SILVA, A. C. R. da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2003.
- SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.
- TAPIA, J. A; & FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2003. p.11-61.